

O clamor da cidade e o direito ao “ninho”: uma leitura do Sl 84 à luz da ecologia integral

Cristiane Rodrigues de Melo¹

Resumo: O presente artigo analisa o Salmo 84 à luz da pastoral urbana e da ecologia integral, com o objetivo de compreender a noção de Deus como morada e suas implicações para a vida nas cidades. Utiliza-se o método bíblico-teológico em diálogo com o magistério ecológico recente, articulando reflexão exegética e leitura contextual. Conclui-se que o desejo de habitar em Deus é inseparável do compromisso ético-político com a dignidade urbana, evidenciando que a falta de moradia se revela uma ferida teológica que exige a transformação dos “desertos” urbanos em espaços de acolhida e justiça.

Palavras-chave: Pastoral urbana. Direito à habitação. Espiritualidade bíblica.

150

1 Introdução

A crescente urbanização das sociedades contemporâneas tem evidenciado profundas contradições: cidades densamente povoadas convivem com a exclusão, a precariedade habitacional e a perda do sentido de pertença. Nesse contexto, a reflexão teológica é chamada a dialogar com a realidade urbana, oferecendo não apenas interpretação, mas também horizonte e compromisso pastoral.

Aqui propõe-se uma leitura do Salmo 84 à luz da ecologia integral no contexto da pastoral urbana, com o objetivo de compreender a noção de Deus como morada e suas implicações para a vida nas cidades, evidenciando que o desejo de habitar em Deus se traduz no compromisso com a promoção de espaços de vida digna para todos.

Metodologicamente, adota-se uma abordagem bíblico-teológica que articula a análise exegética do texto com a leitura da realidade urbana contemporânea, em diálogo com a ecologia integral, integrando Escritura, tradição e contexto em suas dimensões sociais, ecológicas e pastorais.

2 A morada de Deus no Salmo 84

O Salmo 84 introduz uma experiência central da fé bíblica: o desejo de habitar em Deus. Não se trata apenas de um anseio espiritual abstrato, mas de uma experiência concreta, enraizada na vida, no corpo e na Criação. O salmista contempla o Templo, mas sua contemplação começa fora dele, na vida que o circunda: “Até o pardal encontra casa, e a andorinha um ninho para si, onde põe seus filhotes: teus altares, Senhor dos Exércitos, meu rei e meu Deus” (Sl 84,4).

¹ Mestranda em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, sendo bolsista do CNPq. E-mail: cris.rodromo@gmail.com



A cena é delicada e reveladora. Antes do ser humano encontrar morada, o salmista contempla a Criação encontrando lugar. O pequeno pardal, quase invisível, encontra casa; a andorinha, marcada pelo movimento e pela travessia, encontra ninho. E esse lugar não é periférico, mas central: os altares do Senhor. Assim, o espaço sagrado se revela como espaço de vida, onde até o mais frágil encontra abrigo.

Essa imagem desloca profundamente a compreensão do sagrado: Deus não é apenas aquele que recebe culto, mas aquele que oferece morada. A casa de Deus não se define por muros ou suntuosidade, mas por sua capacidade de acolher a vida em sua vulnerabilidade. O Templo, nesse sentido, não é um espaço separado da Criação, mas sua expressão mais profunda: o lugar onde tudo encontra sentido, repouso e pertença.

Se até o pássaro encontra lugar no coração do sagrado, a pergunta que atravessa nossas cidades hoje torna-se uma denúncia teológica: quem está excluído? Por que, em cidades de concreto e altares, tantos seres seguem sem ninho e sem casa? A hospitalidade de Deus revelada no Salmo 84 coloca em xeque a hostilidade das nossas metrópoles.

3 Criação como Casa Comum

À luz da teologia da criação (cf. Gn 1-2), o mundo pode ser compreendido como casa habitada por Deus e confiada ao cuidado humano. Não somos estrangeiros na Criação, mas participantes de uma morada comum. Como recorda Leonardo Boff, a Terra não é apenas um conjunto de recursos, mas “Casa Comum”, tecido vivo de relações, onde tudo está interligado.

A Criação não é cenário. É comunidade. O pássaro não é detalhe. É sujeito do cuidado de Deus. O ninho não é apenas instinto. É sinal de uma ordem amorosa inscrita na Criação. Assim, o salmo nos revela: a morada de Deus não começa no templo de pedra, mas no tecido vivo da Criação.

Mas há ainda um movimento mais profundo. O salmista não inveja os pássaros. Ele aprende com eles. “Felizes os que habitam em tua casa...” (Sl 84,5). Essa visão é profundamente relacional. Habitar não é apenas ocupar um espaço, mas pertencer. É reconhecer-se parte de uma rede de vida que envolve Deus, os outros, a Criação e o próprio interior humano. Nesse sentido, a ecologia integral nos ajuda a compreender que a crise ecológica é também uma crise de relações e de habitação: rompemos vínculos, perdemos o sentido de pertença, transformamos a casa em espaço de exploração e violência.



4 A cidade: entre exclusão e busca de pertença

A realidade urbana evidencia essa ruptura. Há muitos sem casa, sem lugar e sem pertença. Habitar em Deus não é apenas entrar num espaço sagrado, mas encontrar lugar de pertença. É sair da lógica do deslocamento permanente, do não-lugar, da vida sem raiz. É descobrir que Deus não é apenas destino – é morada. E aqui o salmo toca o coração da fé cristã.

Se Deus é morada, então a vida não é exílio sem fim.

Se Deus é morada, então ninguém deveria viver sem lugar.

Se Deus é morada, então toda pastoral é chamada a ser abrigo.

Nas periferias de nossas cidades, o salmo se torna carne. Ali, onde faltam casas, Deus continua oferecendo morada. Ali, onde faltam direitos, Deus continua criando pertencimento. Ali, onde faltam espaços, Deus continua abrindo caminhos.

Essa realidade urbana pode ser compreendida também à luz do fenômeno dos “não-lugares”, onde a vida se torna transitória e desprovida de vínculos duradouros. A cidade, marcada pela velocidade e pela fragmentação, frequentemente impede a experiência de pertença. Nesse contexto, a fé cristã é chamada a recuperar a dimensão relacional do habitar, promovendo espaços onde a vida seja reconhecida, acolhida e cuidada. A pastoral urbana, portanto, não se limita à presença da Igreja na cidade, mas se configura como ação transformadora, capaz de gerar vínculos, reconstruir laços e devolver dignidade aos que foram privados de lugar.

5 Transformar desertos em fontes: horizonte pastoral

O salmo, porém, não permanece na contemplação estática. Ele introduz a dinâmica do caminho: “Felizes os que encontram em ti sua força, e em seu coração se decide a santa peregrinação” (Sl 84,6). A vida é peregrinação, e o ser humano é aquele que caminha em direção à morada.

É nesse movimento que surge uma das imagens mais fecundas do texto: “Ao atravessar o Vale de Baca, fazem dele um lugar de fontes” (cf. Sl 84,7). O termo hebraico Baca está associado ao “choro” ou ao “pranto”. O salmista reconhece que o caminho para a morada de Deus atravessa, inevitavelmente, geografias de dor e aridez. No entanto, o milagre da fé peregrina não é o desvio do vale, mas a sua transformação: o vale das lágrimas torna-se lugar de fontes; a aridez dá lugar à vida. Aqui se revela uma dimensão decisiva: o encontro com Deus não nos retira do mundo, mas nos torna capazes de transformá-lo.

Essa imagem ilumina de maneira surpreendente a realidade das cidades contemporâneas. Nossos “Vales de Baca” urbanos são as periferias invisibilizadas, as calçadas ocupadas pela população em situação de rua e os territórios marcados pela precariedade. Vivemos em espaços densamente povoados, mas muitas vezes vazios



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

de sentido e dignidade. Cidades cheias de gente, mas marcadas pela solidão. Territórios repletos de construções, mas carentes de morada verdadeira.

Os desertos exteriores de hoje manifestam-se na falta de infraestrutura, nas habitações indignas e no clamor daqueles que não têm onde reclinar a cabeça. Os desertos interiores: revelam-se em vidas fragmentadas, relações rompidas e corações endurecidos pela pressa e pela indiferença urbana.

O salmo nos convida a olhar esses desertos não como destino final, mas como espaço de transformação. Os peregrinos, movidos pelo desejo de Deus, tornam-se capazes de fazer brotar justiça onde havia escassez. A saudade de Deus – a mística – gera necessariamente o compromisso com a vida – a política.

Se o mundo é casa, a falta de moradia não é apenas um problema social, mas uma ferida teológica. Quando alguém é impedido de habitar, o projeto de Deus é negado. Assim, o desejo de habitar em Deus se traduz, na pólis, como a promoção de condições para que cada pessoa experimente um vislumbre da morada eterna através de um teto digno no tempo presente. No projeto de Deus, ninguém pode ficar sem lugar.

6 Esperança escatológica e compromisso histórico

Essa esperança encontra ressonância na visão cósmica da fé cristã. Para Teilhard de Chardin, a Criação não é estática, mas processo, orientada para a plenitude em Deus. O universo caminha para um ponto de convergência, onde tudo será recapitulado no Cristo. Nesse horizonte, a história humana – com suas lutas e dores – participa de um movimento maior de transformação.

Essa perspectiva encontra ressonância também na reflexão teológica de Elizabeth A. Johnson, ao destacar que Deus permanece intimamente comprometido com toda a comunidade da vida, sustentando-a em seu dinamismo e orientando-a para a plenitude. Tal compreensão amplia o horizonte da fé cristã, situando a esperança não apenas na história humana, mas no destino de toda a criação.

É também nessa direção que se insere a esperança expressa na Laudato Si': "Na expectativa da vida eterna, unimo-nos para tomar a nosso cargo esta casa que nos foi confiada, sabendo que aquilo de bom que há nela será assumido na festa do Céu" (LS 244).

A casa comum não é descartável. O que é vivido com amor, cuidado e justiça permanece. A história não é inútil. A luta por dignidade não é em vão. E mais: "No coração deste mundo, permanece presente o Senhor da vida que tanto nos ama. Não nos abandona, não nos deixa sozinhos, porque Se uniu definitivamente à nossa terra" (LS 245).



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

Essa afirmação é profundamente encarnacional: Deus não apenas criou o mundo, mas permanece nele. Ele habita esta cidade. Habita suas ruas, suas periferias, seus desertos. E sua presença não é neutra: é presença que sustenta, chama e transforma.

Nesse horizonte, a esperança cristã não se reduz a uma expectativa futura, mas se traduz em compromisso histórico. A escatologia, longe de alienar, fundamenta uma ética do cuidado e da responsabilidade. A cidade futura, sonhada por Deus, começa a ser gestada nas práticas concretas de justiça, hospitalidade e cuidado com a vida. Assim, a esperança se torna critério de ação no presente.

154

7 Considerações finais

Diante disso, o Salmo 84 se torna profecia para o nosso tempo. Ensina que a verdadeira morada não é privilégio de alguns, mas vocação para todos. Recorda que o encontro com Deus não aliena da realidade, mas nos compromete com ela:

A oração se transforma em missão.

O desejo de Deus se torna cuidado com a vida.

A contemplação se torna compaixão.

Talvez, no fundo, o salmo nos convide a uma conversão do olhar. Antes de perguntar onde está Deus, é preciso reconhecer onde a vida ainda encontra abrigo.

Antes de construir templos, é preciso garantir casas.

Antes de falar de eternidade, é preciso cuidar do presente.

E então, talvez, possamos compreender: Deus habita esta cidade. Mas deseja habitá-la de outro modo.

Habita quando há acolhida.

Habita quando há justiça.

Habita quando ninguém é deixado de fora.

Feliz quem encontra casa. Feliz quem encontra Deus. Feliz quem descobre que, em Deus, toda a criação – e cada ser vivo – tem lugar.

Referências

BÍBLIA. *A Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2023.

BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1995.



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

JOHNSON, Elizabeth A. O Deus vivo em perspectiva cósmica. **Cadernos de Teologia Pública**, ano VII, n. 51. Unisinos, 2010.

FRANCISCO. **Laudato Si'**: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **O fenômeno humano**. São Paulo: Cultrix, 2006.

